

#SóVem: Fazendo a Festa no Capão Redondo

Felipe de souza Pinto
Universidade Federal de São Paulo¹

Resumo

Nesse artigo eu estou interessado em refletir sobre baile funk, parto da minha história de descoberta desses eventos e de uma descrição, para assim à luz dos clássicos examinar o que faz deles uma festa. Os bailes são organizados por e para a juventude do distrito do Capão Redondo, e são tanto uma forma de lazer quanto um meio de ganhar algum dinheiro, assim eles se apresentam como atividades singulares dentro das possibilidades de diversão na região.

Palavras-chave: festa, periferia, baile funk, juventude

Introdução

Nesse artigo eu trago à reflexão o lazer na periferia da capital paulista, em especial, relacionado ao funk. O gênero musical é conhecido e faz sucesso entre alguns jovens do Capão Redondo, e algumas dessas formas de diversão, como, por exemplo, o fluxo e o baile estão presentes na região, ambos são elaborados entorno da música e da dança, todavia é em espaços abertos e aberto ao público, enquanto o outro é em um local fechado e restrito ao público pagante, respectivamente. Entre os bailes existentes, a minha atenção está nos organizados por jovens para outros jovens, amigos, colegas, conhecidos e sujeitos interessados no estilo musical.

Os bailes são uma proposta de festa, conforme afirmam os organizadores ao convidarem os público-alvo através da afirmativa “o baile vai ser festa”, cuja resposta daqueles que compraram os ingressos é “SóVem”, ambos postados na página online

¹ Mestrando da EFLCH – UNIFESP (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas)
E-mail: felipedesouzapinto@gmail.com.br

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho
02 a 05 de outubro de 2017 – GT 1 Antropologia urbana

de divulgação. A promoção dos eventos é através de páginas na internet, no site de relacionamentos Facebook, onde os organizadores apresentam a data e o horário da atividade, o valor da entrada, os artistas contratados, as bebidas disponíveis para a compra, bem como um corpo normativo.

Os lazeres são atividades de tempo livre entre as atividades do trabalho e o atendimento das necessidades básicas, familiares, políticas e civis (TURNER, 2015, p.48). Livres “*de toda uma sobrecarga de obrigações institucionais prescritas pelas formas de organização social, particularmente a tecnológica e a burocrática*”, os indivíduos podem “*participar ou mesmo gerar novos mundos simbólicos de entretenimento, esporte, jogos, diversões de toda espécie*” (idem, ibidem., p49).

Assim, essas atividades estão muito mais imbuídas de prazer do que os muitos tipos de trabalho nos quais os homens não participam dos frutos de seu labor. O lazer é potencialmente capaz de liberar os poderes criativos, sejam eles individuais ou coletivos, tanto para criticar quanto para apoiar os valores sociais estruturais predominantes. (TURNER, 2015, p.49)

No tempo livre os sujeitos, não estando sob nenhuma ordenação, brincam com os “*fatores culturais e dispendo-os às vezes em combinações improvisadas, grotescas, improváveis, surpreendentes, chocantes e, em geral, experimentais*” (TURNER, 2015, p.55) e assim, constroem criativamente seus entretenimentos. Os bailes são engendrados dessa maneira, relacionando os imaginários de diversão e festa relacionados ao funk e compartilhado pelos sujeitos, onde os conteúdos estruturam os eventos, como, por exemplo, os artistas e suas músicas, as bebidas e etc, disponíveis para os jovens fazerem a festa.

As festas² e os ritos possuem motivações muito próximas, marcam passagens de tempo, celebram a mudança de status e papéis sociais, nos recordam aquilo que nos é importante e nos une enquanto grupo, muitas vezes, destacam um dos múltiplos discursos presentes nas sociedades e, no caso específico da primeira,

2 Não existe um campo teórico de estudos sistematizados sobre as festas, nesse sentido eu trabalho com os teórico que dela falaram em subcapítulos, parágrafos e poucas linhas. O que eu faço aqui é descoser e recoser as abordagens clássicas à minha maneira, no intuito de criar uma categorização para a festa que se encaixe à análise dos bailes como tal.

pode ser elaborada só para o simples regozijo. Todavia, as festas tanto dentro dos rituais³, como, por exemplo, as comemorações após o casamento ou depois de uma formatura, quanto externo a elas com uma ligação transversal aos ritos e, mesmo, sem nenhuma ligação direta com eles, são sempre momentos especiais que estranhos “*a qualquer fim utilitário fazem os homens esquecerem o mundo real, transportando-os a um outro em que a imaginação está mais à vontade*” (DURKHEIM, 1996, p.41). Nesses momentos, o que importa é a contingência, neles quase tudo é possível a partir das vontades e dos itens disponíveis para os sujeitos construírem suas experiências festivas: eles podem agir com excesso, dispêndio e transgredir as normas (DURKHEIM, 1996; CAILLOIS, 2015); desafiar a sociedade, colocando-se frente à uma realidade sem regras (DUVIGNAUD, 1974 apud. PEREZ, 2012); eles podem agir a partir de uma dimensão da realidade que não encontra lugar na vida comum, a dos desejos, gozos, das afetividades e dos sentimentos (PEREZ, *ibidem*); e, mesmo, entrarem em comunhão, se correlacionando de forma estruturada ou pouco estruturada, como seres humanos totais, históricos e idiossincráticos (TURNER, 2013).

A descoberta dos bailes

Nesse seção eu apresento a história de descoberta dos bailes funk e como eles se tornaram meus objetos de pesquisa de mestrado, e que nos servem de

3 O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo]. (PEIRANO, 203, p.4)

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho
02 a 05 de outubro de 2017 – GT 1 Antropologia urbana

subsídios para as conclusões, na qual pretendo refletir sobre a festa que é o baile à luz dos autores citados. Eu lecionei sociologia para o Ensino Médio no quadriênio letivo compreendido entre os anos de 2012 e 2015. Nesse período eu conheci quatro mundos, quatro escolas diferentes nos distritos vizinhos Jardim Ângela e Capão Redondo. Enquanto professorava, eu conversava com os alunos, nas aulas e nos intervalos, sobre os mais variados assuntos e, entre eles, as formas como passávamos o nosso tempo livre, quanto estávamos longe das obrigações cotidianas e familiares. Em cada instituição em que passei, os estudantes tinham ideais de entretenimento, criavam atividades de lazer e organizavam os mais variados tipos de encontros. Eu me lembro muito bem, entre gritos, stresses e ensinar sobre cultura, trabalho e estado, havia sempre a hora de parar o cotidiano e rir com as histórias dos alunos. Eles pareciam saber bem sobre o tempo de se comportar como discentes, seja o jeito que for, e os momentos de suspensão das normas para se aproximarem, falarem, conversarem e provocarem o riso dos amigos, e os meus, contando piadas, tirando sarro dos amigos e rememorando os instantes que passavam juntos fora da escola.

Desde que eu terminara o bacharelado, no fim do ano de 2009, e após duas tentativas de ingressar na pós-graduação, procurava um tema de pesquisa para voltar à vida acadêmica, e, enquanto eu não achava, comecei dar aulas. Nessa altura, nos quatro anos, eu trabalhava como contratado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, significando que eu não tinha seguridade no emprego, somente ajudava a sanar o déficit entre o alto número de turmas abertas e o baixo percentual de professores, e, por isso, eu pulava de escola em escola preenchendo lacunas. No meio do ano de 2015 a situação desses profissionais estava difícil, as fofocas pelos corredores das instituições diziam sobre a descontinuidade da categoria de professores contratados. Na época eu conseguia seis aulas, ou seja três turmas, muito abaixo dos números anteriores, na primeira escola eu lecionei para cinco salas, posteriormente para oito, depois trinta e duas, e acabara somente com três no último colégio.

O professor contratado é um sujeito limítrofe, trabalha na escola, mas não é

um concursado, por isso pode sair se quiser e fazer o que quiser, ninguém se importa muito, por outro lado, não conhece as dinâmicas cotidianas e precisa tatear até descobrir, todavia, até conseguir desvendar o ano já acabou, e ele vai embora. Nesse contexto, eu estava em um meio do caminho entre a vontade de regressar e um meio trabalho. Por causa de alguma tara vinda da sociologia eu havia documentado algumas práticas de lazer dos estudantes. Refletindo sobre, eu percebi que elas poderiam informar acerca dos modos como os alunos produziam e vivenciavam os momentos livre, criando encontros articulando a situação socioeconômica, as regras institucionais (casa/escola/bairro) e seus conhecimentos acerca do distrito e a cidade como um todo.

Havia três práticas que se destacavam e a partir delas eu criei um projeto de pesquisa para, justamente, compreender como os estudantes manipulavam os itens acima citados de formas diferentes. Todavia ao entrar no programa de pós-graduação, no início de 2016, e iniciar o trabalho preliminar de campo resgatando o contato com meus alunos, eu descobri que uma das atividades de lazer havia se modificado intensamente. *Party*, assim os discentes denominavam as festas realizadas por eles em bufês da região. Ela surgiu para comemorar um importante certame, entre os anos de 2013 e 2014, na segunda escola onde trabalhei. Alguns alunos, após a competição, organizavam os eventos e para financiá-los vendiam ingressos de sala em sala. As festas eram nomeadas com o nome das equipes das quais eles faziam parte durante a disputa, sendo elas, verde, amarelo, azul e vermelho. Eu participei de uma delas, embora não fosse uma recomendação da gestão escolar, e ela foi batizada com o nome, em idioma inglês, e da designação *party* (festa, no mesmo idioma).

A equipe produtora era composta por dois rapazes e uma moça. Eles utilizavam os horários ociosos do cotidiano escolar, intervalos e entre aulas, para estruturar a festa. Em uma conversa com a equipe foi-me sobre as dificuldades em arrendar um bufê. Isso porque, os donos dos empreendimentos estavam receosos devido a incidentes ocorridos festas anteriores. Entre os organizadores estava um ex-aluno, recém-saído do Ensino Médio, sua função era deveras curiosa. Ele estava

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho
02 a 05 de outubro de 2017 – GT 1 Antropologia urbana

responsável por toda a parte legal como, a contratação do discotecário, o aluguel do espaço e a compra de bebidas. Esse posto estava atrelado ao fato do rapaz ser maior de idade, sendo o único que poderia lidar com os assuntos contratuais.

A festa foi batizada como Gold Party, em referência ao time da gincana dos ainda alunos, e ocorreu em um sábado a noite. O local de realização ficava em uma ingreme rua ao lado de uma igreja católica, e na ponta direita de sua fachada cor de pêssego uma pequena porta de metal dava acesso aos salões. Para entrar no evento era preciso apresentar o nome na porta para os organizadores, passar por uma revista. Após a confirmação do pagamento do ingresso eu subi três lances de escada e encontrei o espaço destacado para a festa.

O salão ainda não estava cheio e isso me possibilitou vislumbrá-lo com atenção. Sua estrutura era quadrada, em frente as escadas uma parede com grandes janelas de vidro davam visão para a rua; oposto a ela ficavam os toaletes, quais eram separados da área de circulação por duas finas paredes de tijolinhos vermelhos. Nas laterais, ao lado da escada ficavam a área do bar e o espaço o DJ; e do lado contrário, uma parede cheia de luminárias deixava o lugar a meia-luz. O salão era coberto por telhas onduladas de fibrocimento cinza, e nele uma outra luminária projetava luzes coloridas. E, por fim, a pista de dança ocupava todo o espaço.

No início, a música era tocada moderadamente e aos poucos, conforme chegavam as pessoas, o volume aumentava. Os convivas chegavam em grupo e portavam consigo garrafas de bebidas destiladas, vodca, uísque, tequila e, para acompanhar, energéticos. Os participantes que não consumiam álcool levavam refrigerantes e sucos. Muitos esperavam iam sozinhos e aguardavam os amigos na porta; outros, por sua vez, adentravam sós a festa. O evento ficava cada vez mais cheio e as conversas misturavam-se as músicas, e a circulação fácil dava lugar a um intenso ir e vir de pessoas. Durante o evento era possível observar grupos de meninos e meninas dançando, bebendo, enchendo os copos com suas misturas e cantando as músicas tocadas. O sucesso das canções era de fácil percepção, pois a pista era invadida pelos convivas que, na maior parte do tempo, ficam estacionados

nas janelas ou conversando entre amigos. Os grupos dividiam-se no ambiente, alguns bebiam e repartiam os copos, outros fumavam narguilé, e alguns outros debruçavam-se nas ventanas, fumavam tabaco e olhavam a rua. Somente quando as músicas mais famosas cortavam o ar e invadiam o ambiente, os ajuntamentos eram desfeitos e seus membros ocupavam a pista de dança. Esses eram os meus momentos favoritos e creio que o do restante dos convivas também. As canções pertenciam aos estilos sertanejo universitário e ao funk, os preferidos da galera. Embora, eu não soubesse quais eram os nomes das músicas eu já havia ouvido a maioria na gincana cultural e durante as aulas, quando algum discente resolvia tocá-las em seus aparelhos celulares.

A jocosidade é um importante elemento na comunicação entre os jovens e na festa não era diferente, a todo tempo ouviam-se risadas, conversas e desafios feitos uns aos outros. O chiste estava presente no cotidiano escolar entre os jovens e para provocar rupturas na ordem estabelecida pelos professores na sala de aula. Na festa, ela dava o tom de muitas conversas, as brincadeiras visavam desestabilizar, provocar a vergonha, não como enfrentamento, tal qual nas relação com os professores, e sim objetivavam tornar público as confidências feitas entre os amigos. As perguntas direcionadas a mim tencionavam sanar suspeitas sobre minha vida pessoal, dúvidas essas presentes em cochichos ouvidos por mim durante as atividades escolares.

Em determinado momento o evento era uma confusão de falas, sons, luzes e fumaça feita artificialmente por uma máquina. Alguns rapazes passeavam com garrafas de tequila, oferecendo aos amigos juntamente com limão e sal. Havia na ação de colocar o sal na mão, levá-lo a boca, tomar uma dose da tequila e chupar o limão um ar de cerimônia. A bebida, ao que pude perceber era menos consumida do que as outras e não era misturada a energéticos ou refrigerantes. O consumo do álcool, tal como o de tabaco, seja como cigarro comum ou narguilé, faziam parte do conjunto das práticas extra-cotidianas da festa. Esses elementos são utilizados de distintas maneiras dentro de suas categorias, a tequila é consumida com mais cerimônia que o uísque, e esse com mais cerimônia que a vodca com energético. O

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho
02 a 05 de outubro de 2017 – GT 1 Antropologia urbana

cigarro com sabor é utilizado individualmente, enquanto o narguilé, por suas características é tragado em conjunto entre os amigos. A festa foi encerrada às vinte e três horas com os organizadores pedindo para as pessoas irem saindo, pois o horário contratado estava terminando e era preciso limpar o local para a devolução. As pessoas saíam com os mesmos grupos com as quais chegaram ou encontraram durante o evento. Eu não fiquei para verificar como acontecia a higienização do salão, pois já era tarde e as redondezas são perigosas e, por esse motivo, todos descolavam-se em bando.

Na semana posterior a festa, ela era o assunto principal da escola, em especial, entre os seus partícipes. Os discentes comentavam os acontecimentos, como os sujeitos que beberam demais, quem paquerou quem, acerca das músicas e do número dos convivas. Algumas vezes, meu testemunho era acionado para corroborar com a veracidade das historietas. Outras festas se seguiram, eu fui convidado e, embora eu não tenha participado mais, foi possível observar algumas transformações. O recorrente sucesso, medido pelo burburinho dos estudantes, tinha motivos, construídas sob os ideias de diversão e regradas pelos próprios sujeitos, as festas constituíam espaços de liberdade da vigília constante dos responsáveis, e ambas razões ensejaram a produção de novas edições dos eventos já realizados, e a criação de novos grupos. Os primeiros cresciam aos nomes das festas um número indicativo, e os últimos as batizavam baseados em conteúdos musicais prediletos. As festas não estavam mais relacionadas a escola, e para realizá-las os alunos escolhiam os horários considerados seguros, bufês em regiões movimentadas, perto da casa de todos e, claro, havia sempre alguém maior de idade para as necessidades legais. A situação manteve-se assim até o fim de 2014, quando eu deixei a escola, com os os alunos produzindo as festas nos intervalos escolares, utilizando cadernos para organizar tudo, desde o que era necessário até para controlar a compra dos convites e regular a entrada e saída dos convivas no evento.

No início de 2016, um ano e quatro meses após sair da escola, o cenário modificara-se completamente. Um de meus primeiros informantes, Aldo, 19 anos, ex-

aluno, me dissera que agora os estudantes já formados, assim como ele, se uniam para organizar bailes funk abertos ao público. Os grupos promoviam as festas aos seus contatos na rede social Facebook através de páginas de divulgação bem elaboradas, contendo posteres bem coloridos e construídos em referência ao funk, onde havia imagens dos discotecários contratados e de um novo artista, o mestre de cerimônias, e as informações de locais, horários e o valor dos ingressos. Alice, 19 anos, outra ex-aluno, informou que alguns bailes chegavam a concentrar até quase quatro mil pessoas, e que os grupos conseguiam um pequeno lucro com eles, além de agora contarem com a ajuda dos promotores, responsáveis por levar os ingressos aos convivas e entregar o dinheiro aos organizadores. Após uma pesquisa inicial eu resolvi participar de um baile, ele aconteceu no mês de julho em sábado ensolarado, e em um espaço de eventos no distrito vizinho Campo Limpo e começou as dezesseis horas.

O baile funk

De minha casa até o local do evento foram quinze minutos de ônibus pela principal avenida de ligação entre os distritos Capão Redondo e Campo Limpo. Durante a viagem eu observava as pessoas caminhando nas calçadas, entrando em lojas de roupa, açougues, igrejas e supermercados; e, ao mesmo tempo, eu buscava nos prédios suas numerações para saber se eu estava chegando perto do local da festa. Eu desci no ponto de ônibus indicado pelos organizadores da atividade, “um ponto depois do CEU Campo Limpo”, e ao olhar para o outro lado da avenida verifiquei uma pequena aglomeração de adolescentes em frente a uma loja de equipamentos automotivos. Garotos e garotas, em pequenos grupos espalhados na calçada pareciam esperar alguma coisa, uns observavam o celular, outros conversavam e, embora, eu estivesse com o endereço em mãos a certeza de onde estava só foi-me dada por essa visão. Fazendo o mesmo trajeto que eu, buscando uma faixa de pedestres para atravessar a movimentada avenida com seus carros e

ônibus passando pelas duas mãos do caminho, três meninos caminhavam animadamente e conversavam entre si.

O lugar ficava entre uma igreja Renascer em Cristo e uma casa em construção, ele tinha uma fachada vermelha e espalhados nela muitos grafites representavam equipamentos para carro. O prédio era composto por dois pisos, o principal no nível da rua era a loja automotiva e, ao lado, em um pequeno declive um portão de ferro dava entrada para o salão de festa. Na porta um rapaz, aparentando uns trinta anos, me perguntou se eu “tinha antecipado” ou se “pagaria na porta”; com minha resposta confirmando a última opção ele apontou-me uma adolescente no interior do prédio. Eu estava dentro do lugar, mas não estava na festa, era um espaço de circulação proibida aos convidados e servia para coordenar a entrada e saída das pessoas; ele ficava logo abaixo ao piso da loja e era limitado por grades de ferro, dessas utilizadas para organizar filas em venda de ingressos para shows, e por um grande Tecido Não Tecido (TNT) preto suspenso no ar e amarrado no teto do local. A moça foi ao meu encontro e me informou o custo de cinquenta reais para a entrada, trinta e cinco reais a mais do valor, caso se eu tivesse comprado antecipadamente. Eu entreguei o dinheiro a ela e fui encaminhado a revista, logo após atravessar um espaço aberto entre as grades de ferro. Um segurança vestindo terno preto revistou a mim e meu maço de cigarros, na busca por algum material de entrada proibida; a seu lado havia mais dois seguranças e um bombeiro.

Eu me surpreendi ao adentrar o espaço, não era possível vislumbrar a existência de uma área tão extensa embaixo da loja de materiais para carro. Todo o ambiente obedecia ao declive do terreno, o chão todo azulejado e do ponto em que eu estava era possível observar a existência de dois ambientes principais no local. A primeira área tinha formato de “L”, pois desde os limites do terreno com a calçada uma estrutura seguia pelo lado esquerdo até a metade dessa área. Esse cômodo parecia ser uma moradia, mas não foi possível verificar, pois suas janelas e portas estavam fechadas. No espaço deixado pela estrutura havia um bar improvisado em uma cozinha externa; e, oposta a ele, uma parede estendia-se até o final da pista de dança. O bar tinha como limite um balcão com tampo de ardósia, junto a ele pias e

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho
02 a 05 de outubro de 2017 – GT 1 Antropologia urbana

refrigeradores horizontais serviam para os balconistas prepararem e guardarem as bebidas; ao fundo havia uma churrasqueira e uma parede servindo de expositor para “copos da festa”, cigarros saborizados e produtos para consumo de narguilé. Seguindo o declive, ao lado do bar, localizavam-se os banheiros masculino e feminino.

A segunda área, a pista de dança, era muito ampla e, ao fundo, um palco improvisado estava encostado a parede limite do terreno. Nessa, um grande pedaço de Tecido Não Tecido da cor preta estava pendurado e servia de tela para anunciar o nome e a temática da festa, ambos escritos com cartolina recortada em formato de letras. No palco havia algumas mesas de plásticos para o DJ colocar seu equipamento e poder trabalhar, esse era o espaço também para a apresentação do MC (mestre de cerimônias) contratado para cantar. O restante do local estava aberto para usufruto dos convidados, para reunirem-se, beberem, utilizarem narguilé ou dançarem ao som das músicas tocadas. Nesse lugar, a esquerda, havia um bar para a venda de combos de bebidas, esses combos são compostos de uma garrafa de bebida destilada e uma garrafa de energético.

No horário no qual cheguei, uma hora depois do anunciado pelos organizadores que era as dezesseis horas, a festa já contava com um grande contingente de convidados. A aglomeração concentrava-se nos bares e na pista de dança, onde alguns adolescentes em grupo fumavam narguilé encostados as colunas do lugar, enquanto a primeira área servia de passagem e área de espera. No bar havia duas adolescentes, um rapaz mais velho e uma senhora vendendo as bebidas em ritmo frenético, mal conseguiam atender as demandas de bebida. Muitos dos sujeitos amontoados em frente ao balcão estavam interessados nos destilados e na compra dos “copos da festa”. Os copos são feitos de acrílico colorido e transparente, em suas laterais estão escritos o nome da festa e seu motivo, sua aquisição dá direito ao convidado de usufruir doses de catuaba durante a festa. Devido ao grande consumo de alcoólicos os organizadores corriam de um lado para o outro, entre o lado de fora e o bar, carregando os produtos a serem vendidos. Todos esses carregavam no pescoço colares de tecido com um crachá de

identificação e assim era possível identificá-los, entre eles estavam muitos alunos conhecidos por mim. Eu reconheci e fui reconhecido por muitos frequentadores que eram alunos da escola na qual lecionei. Muitos deles vieram falar comigo, perguntavam sobre a escola e o que eu estava fazendo na festa; dentre eles, duas meninas, para as quais fui professor do primeiro ano do Ensino Médio, brincavam dizendo que eu tinha ido à festa beber e procurar “novinhas”. A surpresa por eu estar ali era expressa nas feições de muitos que me vendo reconheceram-me, mas me cumprimentavam apenas com um aceno com a cabeça.

A vestimenta dos presentes, rapazes e moças, obedecia um certo padrão dentro da diversidade existente. A maioria dos meninos estavam com boné na cabeça, camisetas coloridas e algumas identificadas com marcas famosas e locais, como as da grife Vila Fundão – Guerreiroz, muitos vestiam calça jeans ou bermuda colorida de tecido sintético; enquanto as meninas enroupavam-se com camisetas curtas coladas ao corpo e, a maioria delas, com shorts jeans um pouco abaixo do traseiro. Outros trajés, por serem usados por uma minoria de meninos, destacavam-se, era o caso das camisetas com alusão a cultura reggae e o movimento hip-hop. Os cortes de cabelo masculino eram bem parecidos, raspado dos lados e alto em cima, tal como está na moda; as meninas, muitas usavam os cabelos longos, alisados, e outras cacheados. Era possível identificar muitos grupos dispersos pela festa, reunidos em rodinhas fixas, entre eles, posso destacar os agrupamentos de idade, sexo, vestuário e estilo de vida. São exemplo desses: ajuntamentos de adolescentes e jovens, mistos ou separados por sexo; grupos identificados pela estética funk, reggae e hip-hop; rapazes frequentadores de academia, quais retiravam as camisetas para exibir os músculos. Os coletivos e indivíduos em trânsito entre os ambientes da festa, abriam caminhos entre os grupos parados, o que geralmente, causava congestionamentos de pessoas.

Como um observador, na busca por apreender os acontecimentos, eu era um desses indivíduos nômades. Eu instalava-me durante um tempo em pontos estratégicos, tornava minha visão do evento mais ampla, para acompanhar o desenrolar da festa e o comportamento dos convivas. Em minha estadia nesses

lugares presenciei alguns casos de socorro à sujeitos que excederam no consumo de álcool, esses eram ajudados pelos amigos que ofereciam água ou pediam para eles se sentarem e esperar os efeitos da bebedeira passar; com o decorrer da noite os casos de consumo excessivo de álcool foram aumentando, mas sem ocorrências mais graves, pelo que eu pude verificar. Eu não era o único a observar, seguranças e bombeiros ficavam apostos em locais estratégicos vigiando os acontecimentos; bem como uma equipe de fotógrafos profissionais buscavam grupos que faziam poses para serem capturados. Conforme o tempo passava a festa ficava cada vez mais cheia e a mobilidade mais difícil, devido a quantidade de pessoas e a pouca iluminação. A primeira área era a mais iluminada, por ser aberta recebia a luz do sol, todavia, tornou-se a mais escura, sendo aclarada por lâmpadas comuns; em contraposição a ela, a pista de dança tornava-se mais clara com maior número de luzes e refletores coloridos. Num primeiro momento a festa aproximava-se de uma balada, onde sujeitos em seus grupos participavam de um evento comum regado por músicas, bebidas e dança. Nessa parte da festa a principal atração era o DJ, qual animava os participantes tocando os grandes sucessos do funk; quando a música era realmente muito conhecida a maioria dos participantes cantavam e dançavam em coro em todas as áreas da festa. Com a noite já caída, próximo as vinte e uma horas, começaram os rumores da apresentação do MC contratado para cantar. Nesse momento, o convívio entre os indivíduos ligados à seus grupos, o bar, os passinhos de dança e o narguilé fumado coletivamente cedeu o protagonismo para o palco. Antes de iniciar o show, um pequeno tumulto causado pelos participantes para chegar perto do MC, pois, para subir ao palco era preciso atravessar a multidão que se aglutinava na pista de dança. O cantor chegou a sair do evento e pensou em desistir de participar, porém, voltou e fez sua apresentação. Durante a apresentação os convivas apertavam-se na grade que os separavam do palco, cantavam com o MC e gravavam o show com seus telefones celulares.

O MC cantava e interagia, chamava as meninas ao palco para dançar as coreografias, enquanto a plateia participava gritando, cantando e assobiando. Na mesa do DJ que acompanhava o MC havia sempre disponíveis garrafinhas com

água, vários cascos de dois litros de energético e uísque Red Label. Os telefones celulares eram utilizados também pelo cantor, enquanto cantava ele gravava a si mesmo e o show, apontando a câmera de modo a enquadrar a performance e os convivas. A apresentação é o clímax do evento, no qual as atenções dos participantes estão direcionadas ao palco, onde artistas e organizadores tentam criar um espetáculo apoteótico. Refletores movimentavam-se jogando luzes coloridas no ambiente, projetores de raio laser desenhavam de verde as paredes e a fumaça e a iluminação estroboscópica formavam o ambiente do show. O espetáculo durou quarenta minutos, terminando depois das vinte e três horas, e seu fim marcou o término do evento. A saída transcorreu tranquilamente, os convidados ajudavam os amigos alcoolizados, saíam em grupo, enquanto a equipe de produção começava os preparativos para organizar e devolver o espaço em ordem. O deslocamento das pessoas acontecia majoritariamente em direção ao ponto de ônibus e, assim como eu, esperavam a condução de volta. E, enquanto eu voltava para casa eu tinha a certeza de fazer do baile o meu objeto de pesquisa.

Conclusão

Campo dos possíveis de um alegre extraordinário, talvez seja essa uma boa maneira de definir a festa que o baile é. É interessante observar que, o último é uma atividade organizada que pode ser compreendida, a festa, todavia, é o seu acontecimento e, nesse sentido, deve ser apreendida através do acompanhamento das ações.

A estrutura temporal do baile pode ser repartida em duas, o tempo de trabalho do discotecário e o do mestre de cerimônias, respectivamente. A área do baile é repartido em três principais, a entrada, o espaço de circulação e a pista de dança, essa é a disposição que os convivas encontram ao adentrar o local do evento. O primeiro é um espaço vazio que serve para separar os convivas dos não-convivas, preparando os primeiros para adentrar o momento extraordinário, separado da vida

comum que fica do lado de fora. No segundo tem a funcionalidade mais diversa, se comparado com os outros dois, nele é possível esperar os amigos chegarem, comprar bebidas e tomar, ou ficar conversando em grupo. A pista de dança é o ponto mais importante, ele possui uma extensa área para acompanhar os espetáculos, cantar, dançar e, mesmo, ficar entre os amigos fumando narguilé ou bebendo, ou os dois. Durante o primeiro tempo, o do discotecário, a dispersão é maior, não é à toa que, embora, diferente, pode-se referir ao baile como fluxo; no segundo momento, as atenções voltam-se ao palco e o baile torna-se, de fato, um espetáculo artístico que retira parte do protagonismo dos convivas e coloca no mestre de cerimônias.

Se o baile tem hora para começar e terminar, são os sujeitos que fazem suas festas decidindo quando chegar, o que e como fazer, se farão uso ou não dos itens vendidos, bem como se engajar-se-ão ou não nas apresentações artísticas. É isso que dá ao baile, à primeira vista, a aparência de uma grande bagunça, mas não, ela na verdade revela uma paisagem onde tudo acontece o tempo todo a partir das vontades individuais e coletivas. Isso explica, também, a formação de grupos duradouros, por exemplo, os amigos fumando narguilé, ou efêmeros, quando um sujeito encontra um amigo, conversa com ele, comparte notícias, fofocas, danças e depois vai embora, assim como as pessoas que encontram-se para paquerar e passar o tempo juntos, ou para um simples beijo rápido, respectivamente. É na ação dos convivas onde encontraremos algumas dos aspectos indicados por Durkheim (1996) como próprio das festas, tais quais os “*gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital*”(p.418) e, mesmo, para transgredir as normas. Todavia, essa questão é relativa, pois alguns convivas são menores de idade, na vida comum, embora consumam álcool isso é proibido, no baile, entretanto, eles o fazem livremente, não é uma transgressão. No evento o que vale é o corpo de normas prescritas pelos organizadores e, nesse sentido, não há violação alguma, e sim um tempo regido por algumas normas distintas, ou em concordância como a realidade comum, mas sempre em referência ao jovens.

É possível notar na estrutura do baile que ele coloca em “*close up as coisas do mundo social*” (DA MATTA, 1997, p.78) do entretenimento juvenil, ou seja ele não

está deslocado do cotidiano. A distinção é que o baile é elaborado para o agir de muitas formas, as vezes de maneiras calmas, como quando alguém vai somente assistir ao espetáculo do discotecário, ou como eu que vou para observar, e outras vezes de formas intensas, tais quais, entregar-se as músicas dos artistas e fazer as coreografias típicas do estilo musical funk, ou subir no palco dançando ao ritmo das canções, obedecendo o que é pedido pelo mestre de cerimônias para público que delira com a performance, relativizando as reflexões de Caillois (2015), o sujeito pode “*entregar-se a ela no grau máximo possível, até o esgotamento, até o adoecimento.*”(p.15). Mesmo para os primeiros, pude observar, a intensidade “*É a lei própria da festa*” (*idem, ibidem., p.15*), “*na festa, os dias melhores (e não existe um consenso sobre o que são esses dias melhores) deixam de ser uma promessa para o fim da história. Se não houver alegria a festa não tem a mínima graça*” (VIANNA, 2014, p.96).

O grupo que frequenta, apesar de corresponderem a uma mesma faixa etária, adolescentes e jovens, não é coesa. O alto número de participantes e a variedade das vestimentas revelam tanto a extensão da rede e a variedade dos laços, quanto os múltiplos interesses que os sujeitos compartilham, onde o funk é o mínimo comum entre todos eles, mas apesar disso não é o único motivador da presença deles. Na observação não dava pra saber quais eram esses outros, havia sujeitos mais interessados em encontrar com os amigos, beber, paquerar e, talvez, o aspecto fechado do baile, longe do olhar vigilante dos pais ou responsáveis, apresente-se como muito sedutor, além de não haver eventos direcionados para a juventude no distrito. É difícil falar de festa, pois, tudo nela está misturado, as ações racionais e as emoções, os desejos em seus diversos graus que podem fazer perder o limite, e assim encerrar a festa de quem exagera, ou aumentar a intensidade daquele que apesar de sair do normal, a controla o “excesso” ao beber moderadamente, como diz Léa Perez (2012):

Os excessos e as transgressões festivas, como, por exemplo, o beber até cair, o dançar até a exaustão, o comer até a indigestão, o licenciamento sexual, não são apenas a inversão da “ordem das necessidades”, a suspensão temporária das regras instaura o mundo às avessas, mas

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho
02 a 05 de outubro de 2017 – GT 1 Antropologia urbana

também “a realização do desejo”, sendo assim, tanto, a “afirmação da humanidade do homem tornada pura intensidade”, como a “busca da irreversibilidade” Não se trata apenas de “comer pra viver”, mas também do “gozar de comer”. (p.40)

Apesar de ser constituída de várias experiências individuais e subgrupais, não é possível deixar de verificar em alguns momentos do baile que “*tem por efeito pôr em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência*”⁴, às vezes até o delírio” (DURKHEIM, 1996, p.417), principalmente quando os discotecários tocam as músicas mais conhecidas e levam todos a cantarem, e principalmente, no clímax da festa, quando os organizadores usam luzes para chamar dar um aspecto de espetacular ao show do mestre de cerimônias que, por sua vez, performa como artista, canta as músicas e incita o público à participar com ele de um momento especial. Fora desses momentos a efervescência irrompe “aqui” e “ali”, os sujeitos se unem cantando, dançando, rindo, encontrando os amigos, paquerando, beijando e zoando. E, essas situações podem levar aos lugares os mais improváveis, como à *communitas*, quando os indivíduos tem uma experiência de compreensão mútua um do outro, e “*nos relacionarmos com o outro na forma como ele se apresenta no aqui e agora, para compreendê-lo de um modo simpático (e não empático, o que implicaria algum tipo de contenção, uma não entrega de si mesmo)*” que é “*livre dos obstáculos definidos culturalmente por seu papel, status, reputação, classe, casta, sexo ou outro nicho estrutural*”(TURNER, 2014, p.65), coisas essas que se encontram no baile, por exemplo, nos convivas e suas diferenças, entre esses e os organizadores, trabalhadores e seguranças, e entre esses e os artistas; e, também, levar ao acento das “*relações emocionais, que multiplica ao infinito as comunicações e realiza momentaneamente uma abertura recíproca das consciências entre si*” (DUVIGNAUD, 1984, p.57 apud. PEREZ, ibidem, p.38).

4 Durkheim fala da efervescência para pensar os meios pelos quais os indivíduos, intensamente, comungam o mesmo sentimento que revigora a coesão social. Aqui, eu a entendo como um resultado possível dos operadores de ligações dentro do baile que podem levar a paroxismos no baile.

Para Durkheim, relembremos, nos momentos/situações de efervescência “os indivíduos procuram-se mais e reúnem-se mais”, de modo que “vive-se mais e de maneira diferente do que normalmente. As mudanças não são apenas de nuances e de graus; o homem torna-se outro” (PEREZ, 2012, p.34)

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho
02 a 05 de outubro de 2017 – GT 1 Antropologia urbana

A festa inventa/cria/gesta/imagina outras relações do homem com o mundo, sobretudo outras relações consigo próprio, outras formas de ligar, pois [...] os seus operadores de distinção relativamente ao mundo das coisas, da duração e dos determinismos, oferecendo-nos a possibilidade de pensar a vida coletiva para além da duração dos determinismos, abrindo outras vias para as abordagens correntes, desde que abandonemos [em diversos graus], ainda que pelo instante fugidio da festa, nossas práticas discursivas racionalizadas e racionalizantes e nos deixemos levar pela lei do desejo/gozo, que é a lei da festa. (PEREZ, *ibidem.*, p.40)

Por todas essas razões a festa pede a apreensão do momento, não sendo possível inscrevê-la em um sistema ordenado, tão caro a nós antropólogos, a gente vê a festa na efemeridade das ações, tendo sempre em mente que uma festa é uma festa e que podemos não encontrar os mesmos acontecimentos em outro baile. Ao fim, para mim e para os convivas a festa é uma experimentação que guardada na lembrança é anotada, em meu caderno de campo, e na memória dos comensais. Os organizadores, por sua vez, capturam seus instantes através da fotografia, postadas nas páginas dos eventos, que ficam disponíveis para quem quiser ver, guardar ou simplesmente mostrar à um amigo. A publicização das fotos registram, também, o tamanho do sucesso os eventos e, se “o baile foi festa”, é o prenúncio de que mais um baile será organizado daqui dois ou três meses.

BIBLIOGRAFIA

CAILLOIS, Roger. *O sagrado de transgressão: a teoria da festa*. Universidade Federal de Santa Catarina - 1º Semestre de 2015.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2014.

PEREZ, Léa Freiras. *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Gramond, 2012.

Seminário FESPSP 2017 - Incertezas do trabalho
02 a 05 de outubro de 2017 – GT 1 Antropologia urbana

TURNER, Victor. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

TURNER, Victor. *O processo ritual: ritual e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 2013.